

The show must go on: o difícil fim de licenciatura no ensino artístico

Professores e alunos empenharam-se para se adaptar às restrições forçadas pela pandemia. Mas, em áreas como o teatro, a música e o cinema, os finalistas não poderão brilhar no seu projecto final

Ensino artístico
Ana da Cunha

Na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), no Porto, o alarme soou no dia 4 de Março. Um professor de fagote da escola, que recentemente estivera em Milão, era o quinto infectado pelo novo coronavírus em Portugal. Instalou-se o pânico entre os alunos de Teatro e de Música. A escola rapidamente actuou, suspendendo indefinidamente todas as actividades lectivas, mas nenhum dos alunos sonhava que a pandemia tomasse as proporções que entretanto atingiu. Quase três meses depois, e numa altura em que os estudantes daquelas duas áreas deviam estar a apresentar os seus projectos finais, ainda pouco se sabe sobre a forma como serão avaliados.

Para os alunos do terceiro e último anos da licenciatura em Teatro, a produção final é um momento crucial. Muitos sonham com esse momento em que pisarão o palco pela derradeira vez na escola. Ainda por cima, este ano, o plano era acabar em grande, com uma ópera no Teatro do Campo Alegre. Nas últimas semanas, a coordenadora da produção final, Regina Castro, e o encenador e professor António Durães têm-se reunido à procura de soluções, mas ainda não se avistam grandes respostas.

“Temos um desenho, mas também temos as condicionantes da Direcção-Geral da Saúde. Há um conjunto de constrangimentos que acaba por tornar o processo difícil”, explica ao PÚBLICO António Durães. No que diz respeito aos actores, avançou-se a possibilidade de cingir as produções finais a monólogos e diálogos, de modo a reduzir ao mínimo o número de pessoas juntas em palco, mas os professores sabem que o teatro vai muito para além do trabalho de interpretação: “A produção e os técnicos das áreas de luz e de som precisam de uma estrutura para montar material que é incompatível com o uso de má-

caras. O mesmo se pode dizer da área de figurinos, por exemplo: os alunos não podem fazer provas de roupa”, nota o actor e encenador. Regina Castro acrescenta que se “está a correr contra o tempo”. “Temos de responder, do ponto de vista científico e pedagógico, a uma possibilidade”, diz a coordenadora.

Ser ou não ser teatro

Os alunos estão tão perdidos quanto os professores. Tiago Ribeiro, estudante finalista de Teatro, variante de Interpretação, viu todas as suas aulas práticas transferidas para a plataforma Zoom: “Não estou bem a ver onde é que está a palavra teatro nisto”, declara, referindo-se aos exercícios que os professores foram sugerindo ao longo dos últimos três meses. Quanto à produção final, “já teve muitas ideias”: a primeira solução, conta, era “quem estivesse disponível aceitar os riscos de contágio e submeter-se à presença física, fazendo monólogos ou diálogos, e os que não se sentissem confortáveis fazerem via digital”. Isto porque a hipótese de produzir um espectáculo através do Zoom, como algumas companhias propuseram durante a quarentena, parece-lhe inviável. “É totalmente impraticável, não é teatro. Acho muito bem experimentarmos alargar os conceitos, mas quando alargamos demasiado, eles passam a não ser nada”, defende.

Mafalda da Nova Covas, também aluna de Interpretação do terceiro ano, chegou mesmo a escrever uma carta à direcção da ESMAE, subscrita por 157 alunos dos departamentos de Teatro e de Música, expondo as fragilidades do sistema *elearning* aplicado às cadeiras práticas dos dois cursos. Quanto à produção final, a proposta de adiá-la até Setembro, que tem vindo a ser discutida, também não lhe parece exequível: “Há pessoas que querem continuar a estudar, que precisam do diploma agora”, enfatiza.

Para Mafalda, só há uma saída para



este beco. “Esta produção vai acabar por ser uma apresentação de solos: um actor apresenta um monólogo; um aluno de figurinos apresenta um painel de figurinos...”. Seja qual for o cenário, lamenta, os alunos ficarão “sempre a perder”.

É neste sentido que a aluna de Figurino do terceiro ano Ana Catarina Silva apela também à realização de um exercício prático. “Afinal, e citando a maravilhosa Nina Simone, para que servem a arte e os seus criadores se não para acompanharem e refletirem o seu tempo?”

A batalha das aulas práticas

Os alunos de Música sofrem tanto ou mais com esta realidade. O curso conclui-se para eles com o recital e, para alguns, ainda há a orquestra. Alice Abreu, aluna do terceiro ano de Violino, começou a ter aulas presenciais de preparação para o recital há pouco tempo, cumprindo as normas de

segurança – até então, as aulas realizavam-se por vídeo, o que, segundo Alice, era “descabido”. “As teóricas têm funcionado bem”, conta a jovem, mas as práticas foram uma verdadeira batalha, com a aluna a enviar vídeos aos professores e a receber muitas vezes *feedback* escrito.

O recital, um dos momentos altos do final de licenciatura, vai reduzir-se a um espectáculo para um espectador, segundo Alice. “Já pensei em transmitir *online*, mas não é a mesma coisa”, afirma. Mas há quem tenha encontrado ainda mais dificuldades, como os alunos de Música Antiga, que tocam instrumentos como o cravo ou o piano, e que não os têm disponíveis para praticar em casa – mesmo Alice diz que as cordas do seu violino estão prestes a rebentar. Com a crise financeira e a obrigação de pagar as propinas, esta aluna confessa que não tem maneira de as substituir.

Quanto à orquestra, “os professores estão a tentar remediar e a fazer o

melhor que conseguem”, reconhece, dando particular destaque ao verbo “remediar”. Para já, a ideia para a orquestra é que seja recriada através de gravações... mas, no meio disto tudo, Alice sente-se sobrecarregada e desiludida.

Pasolini na Amadora

Se o final da licenciatura permanece um mistério para os alunos da ESMAE, os seus colegas da Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), na Amadora, tiveram de responder a soluções improvisadas. Leonor Vilar, aluna do terceiro ano do curso de Teatro, ramo de Actores, explica que a sua turma foi dividida em três grupos, e que cada um seguiu orientações muito diferentes. No seu caso, o grupo está finalmente a ensaiar presencialmente a peça *Besta de Estilo*, de Pasolini, depois de um longo período de trabalhos realizados a partir de vídeos e reuniões em Zoom.

Na foto principal, Pedro Teixeira e Leonor Vilar, finalistas da Escola Superior de Teatro e Cinema. Em baixo, Tiago Ribeiro e Mafalda da Nova Covas, finalistas de Teatro da ESMAE; e Francisco Dias, que termina este ano o curso de Som e Imagem da Universidade Católica

DANIEL ROCHA



NELSON GARRIDO

NELSON GARRIDO



Como se desenrolará a apresentação do projecto é uma incógnita. “Não sabemos se haverá uma apresentação presencial ou se será transmitida por *streaming*”, explicita Leonor. Aos alunos, foi dada a opção de voltar ou não à faculdade – no grupo de Leonor, só os actores regressaram, os alunos de Design de Cena e Produção ficaram-se por soluções alternativas, como os relatórios.

Quanto ao trabalho desenvolvido até aos ensaios físicos, Leonor esclarece que “há muita coisa que é trabalhável por vídeo”, explicando que foi possível, à distância, tratar “o texto e a dramaturgia, e criar imagens que podem servir de inspiração”. Mas, apesar da exequibilidade do projecto, a mágoa ainda é muita. Em circunstâncias normais, o grupo de Leonor teria a oportunidade de apresentar o seu espectáculo no Teatro Nacional D. Maria II. Agora que se equaciona a possibilidade de um *streaming*, a jovem estudante afirma que, apesar

Quase três meses depois do início da pandemia, os alunos dos cursos de Teatro e de Música da ESMAE ainda pouco sabem sobre a forma como irão ser avaliados

de “não deixar de ser teatro, há muita coisa que se perde”. “Até se podem passar as ideias, mas fica a faltar aquele movimento do actor, a reverberação da voz”, resume.

Do outro lado do edifício da ESTC, Pedro Teixeira, finalista da licenciatura em Cinema, ramo de Montagem, viu também a hipótese de montar um filme inviabilizada pela pandemia. “O desenvolvimento prático dos projectos ficou só no papel”, conta. “No meu caso, a avaliação não existiu, adoptaram-se soluções alternativas.”

Para os argumentistas, o texto ainda valeu como avaliação final, mas

para os ramos de Realização, Produção, Montagem, Imagem e Som, a avaliação ficou-se pela teoria ou por pequenos exercícios. Porém, a escola comprometeu-se a fornecer material quando fosse possível filmar os projectos – o único problema, diz Pedro, é que agora as equipas estão dependentes do financiamento da Câmara da Amadora, o que pode tornar “as condições diminutas”.

Mas, para os estudantes de Cinema, os desafios não se resumiram aos exercícios finais – transferir as aulas para o regime Zoom também não se revelou fácil. “As aulas teóricas foram funcionando”, admite Pedro, mas, nas cadeiras práticas, os estudantes viram-se obrigados a trabalhar nos seus próprios computadores, no ano em que a faculdade tinha finalmente adquirido material para todos. “Havia sempre alguém que não tinha computador ou que não tinha espaço para os gigas e gigas de material digital.”

Filmar entre os Açores e a Noruega

Um pouco distantes desta realidade ficaram os alunos de Som e Imagem da Escola de Artes da Universidade Católica do Porto – a alguns, como Francisco Dias e Catarina Gonçalves, a epidemia “até pode ter ajuda-

do”, admitem ambos.

Catarina, natural dos Açores, viu-se obrigada a regressar à ilha, mas, como já tinha recolhido grande parte do material do seu projecto final, este regresso não foi causa de pânico – pelo contrário, o seu filme, centrado na história da família, ganhou a partir do momento em que se isolou em casa do avô, onde pôde recolher fotografias. O filme está praticamente pronto, e Catarina até gostou das aulas *online*. Quanto às cadeiras práticas, foram retomadas em Junho; mas, como as passagens para o continente estão muito caras e o regresso seria difícil, obrigando Catarina a fazer o teste à covid-19 três vezes, a estudante está a realizar trabalhos para enviar por correio, de modo a finalizar a sua licenciatura.

Francisco, agora muitas vezes fechado em salas de edição depois de um longo período de confinamento, está na recta final do seu trabalho. Quando foi declarado o estado de emergência, já tinha todas as imagens captadas e a ideia bem presente na sua cabeça: “Fazer um filme partindo da experiência do primeiro amor”, inspirado no seu período Erasmus na Noruega. O confinamento obrigou-o a mergulhar na introspecção: “O mais difícil foi a parte conceptual, esculpir o filme”. Houve apenas um pequeno impedimento causado pela covid-19: estava planeado que a personagem principal do filme, a rapariga, viesse da Noruega até Portugal para fazer uma gravação de voz. Sem poder viajar, teve de gravar com o telemóvel. “Como no filme há outros sons, acabou por se criar uma textura sonora que funciona”, diz Francisco.

Apesar de a pandemia ter adiado a mostra das curtas-metragens da Católica, que, em circunstâncias normais, se realizaria agora, Catarina e Francisco estão entusiasmados com a possibilidade de exibirem os seus trabalhos no fim-de-semana de 25 e 26 de Setembro. Os seus filmes serão entregues a 31 de Julho – a partir daí, a entrada no “mundo real” afigura-se-lhes uma aventura ainda por descobrir.

O mesmo sentem os outros estudantes, ainda à espera de respostas para este final de ano lectivo inconclusivo. Mas, apesar de todas as contrariedades, ninguém parece querer baixar os braços. Afinal, *the show must go on*. **Texto editado por Sérgio C. Andrade**